

Teorias do valor

RAROS problemas terão apaixonado tanto os estudiosos das ciências económicas e sociais como a teoria do valor.

Por que motivo valem as coisas, em que medida se apreciam, que elementos ou causas influem na estima comum?

A velha teoria que atribua ao valor duas causas—a sua utilidade combinada com a raridade—sucederam-se outras, na preocupação de desvendar os profundos mistérios das relações entre os homens.

Não vamos expor aqui por miudos os diversos sistemas ou escolas económicas, cada um com a sua teoria, pois não temos intenção de impor aos nossos leitores uma lição de economia. Mas é curioso saber-se que o mundo se organizou, em grande parte, ao sabor das teorias do valor. Quem desconhece, por exemplo, que toda a escola marxista assentou sobre o conceito, desacreditado aliás desde o início, de que a única causa que dava valor às coisas era o trabalho? O que é certo é que os regimes sociais, como o próprio direito particular ou público, se formaram e fizeram lei, conforme o conceito que se adoptava a respeito do valor.

Há princípios que parecem eternamente assentes. E o do valor é um deles. Depois de refutado o conceito marxista, e de reduzidos à sua verdadeira proporção os outros que se architectaram para o combater, a ciência económica regressa de novo à tradição antiga, como que a confirmar a verdade essencial. Mas o espírito humano sempre irrequieto e insatisfeito, não se conforma facilmente com a ciência antiga. E o valor aparece outra vez, com aspectos novos, no fervilhar das paixões.

Actualmente, quem não se deixou seduzir pela cativante teoria de que a única causa do valor era a força? Força das armas, força do dinheiro, força da autoridade, força da inteligência, força até da paixão? Chegou mesmo a afirmar-se que aquele que tinha força tinha o direito, porque só a força era causa e fundamento do direito. Quere dizer: a única coisa que valia no mundo era a força, porque, com ela e por ela, as nações se reorganizariam, a economia transformaria-se-lhe, a vida assumiria aspectos diferentes, dando às relações entre os homens rumos novos e novo sentido.

E, de facto, não observamos nós que a força nos campos da batalha é quem vai decidir do futuro do mundo?

Não tenhamos, porém, ilusões. A força poderá destruir um adversário, e, com ele, a organização económica e social que se esforçava por impôr ao mundo. Não pode ela construir por si só nada de jeito, a não ser a própria destruição.

Nós preferimos às novas teorias, aquela do operário moribundo, que, há dias, morreu, em mísera choupana, num bairro pobre da capital.

Condenado, aos trinta anos, a uma dolorosa, inglória e desolada morte, o nosso operário sentia crescer no seu peito, já desfeito pela doença, a onda irremovível do ódio, à medida que o sofrimento aumentava. Trabalhara para viver e sustentar os seus. A violência do trabalho levava-o à cama dum hospital. Dado por incurável, teve de regressar ao seu miserável tugúrio. Ali se consumia, sem remédio, sem o conforto dum coração amigo, sem o alívio duma esperança. O mundo para ele tinha o horroroso aspecto, do inferno de Dante.

Até que, um dia, se abeirou da pobre enxérga, a alma límpida duma assistente social. Pensou-lhe as feridas, aliviou-lhe o sofrimento, alimentou aquele corpo exausto, enxugou-lhe as lágrimas, deixou-lhe na alma o amparo duma palavra compadecida.

O pobre operário, outrora robusto trabalhador, mas agora mirrado e quase apodrecido, julgou sonhar. Mas os dias passavam-se, e pelo leito do seu sofrimento passavam também, com redobrado carinho, a asa benfazeja daquele anjo de paz. O seu coração foi abrindo à luz duma vida nova. O ódio, venceu-o aquela estranha mensageira do amor. Será possível que haja ainda no mundo tão desinteressado e compreensivo interesse por um pobre farrapo humano, lançado à valeta enlameada da vida, sem que ninguém tentasse sequer erguê-lo o pó do caminho?

Mas era verdade!

O nosso doente tentou então viver, porque a vida assim era bela. Mas não ia já a tempo!

Na véspera da morte, sentindo-a na garganta, manda apressado um recado à desconhecida amiga. Queria vê-la, que não faltasse.

E não podia faltar... Com os olhos embaciados pela agonia, cerrou entre as suas aquelas mãos protectoras, um derradeiro e supremo esforço, proxima-as dos seus lábios roxos e frios, e, agradecido, beijou-as.

—Coragem, amigo! O seu sofrimento suportado com alegria, tem muito valor. —

E o operário moribundo, abrindo os olhos aqueles seus olhos quase sem

FÓRUM ABEL VARZIM

DESENVOLVIMENTO

DESENVOLVIMENTO

DESENVOLVIMENTO

DESENVOLVIMENTO

DESENVOLVIMENTO

DESENVOLVIMENTO

DESENVOLVIMENTO

DESENVOLVIMENTO

DESENVOLVIMENTO

DESENVOLVIMENTO

DESENVOLVIMENTO

DESENVOLVIMENTO

DESENVOLVIMENTO

DESENVOLVIMENTO

DESENVOLVIMENTO

DESENVOLVIMENTO

DESENVOLVIMENTO

DESENVOLVIMENTO

DESENVOLVIMENTO

DESENVOLVIMENTO

DESENVOLVIMENTO

DESENVOLVIMENTO

DESENVOLVIMENTO

DESENVOLVIMENTO

DESENVOLVIMENTO

DESENVOLVIMENTO

DESENVOLVIMENTO

DESENVOLVIMENTO

DESENVOLVIMENTO

DESENVOLVIMENTO

DESENVOLVIMENTO

DESENVOLVIMENTO

DESENVOLVIMENTO

DESENVOLVIMENTO

DESENVOLVIMENTO

DESENVOLVIMENTO

DESENVOLVIMENTO

DESENVOLVIMENTO

DESENVOLVIMENTO

DESENVOLVIMENTO

DESENVOLVIMENTO

DESENVOLVIMENTO

DESENVOLVIMENTO

DESENVOLVIMENTO

DESENVOLVIMENTO

DESENVOLVIMENTO

DESENVOLVIMENTO

DESENVOLVIMENTO

DESENVOLVIMENTO

DESENVOLVIMENTO

DESENVOLVIMENTO

quem se pôde escrever este grande e quasi infinito elogio: *pertransit bene faciendo*—passou a fazer o bem.

Os homens ganharão a paz, se acreditarem na única teoria do valor que vale alguma coisa mais do que todo o resto.

ABEL VARZIM